



Maria Luiza Welton*

* Acadêmica de Psicologia. Voluntária da ASSINVÉXIS e da IAC.
malu_email@yahoo.com

Palavras-chave

Autoconhecimento
Autocorrupção
Auto-incorruptibilidade
Coerência
Cosmoética
Postura inversiva

Keywords

Coherence
Cosmoethics
Inversive posture
Self-corruption
Self-incorruptibility
Self-knowledge

Palabras-clave

Autoconocimiento
Autocorrupción
Auto-incorruptibilidad
Coherencia
Cosmoética
Postura inversiva

Auto-incorruptibilidade

Self-incorruptibility

Auto-incorruptibilidad

Resumo:

Este artigo aborda as causas e manifestações da autocorrupção, bem como a passagem da autora dessa condição para um estado mais incorruptível. Apresenta os pilares para essas duas condições, propõe técnicas que viabilizam essa passagem e técnicas para a manutenção da incorruptibilidade. Baseia-se nas experiências da autora e em heteroobservações.

Abstract:

This article focuses on the causes and manifestations of self-corruption, as well as the author's passage from this condition to a more incorruptible state. It presents the pillars for these two conditions, proposes techniques that make this passage possible and techniques for the maintenance of incorruptibility. It is based on the author's experiences and on hetero-observations.

Resumen:

Este artículo aborda las causas y las manifestaciones de la auto-corrupción, bien como el pasaje de la autora de esa condición para un estado más incorruptible. Presenta los pilares para esas dos condiciones, propone técnicas que viabilizan ese pasaje y técnicas para la mantención de la incorruptibilidad. Se basa en las experiencias de la autora y en hetero-observaciones.

INTRODUÇÃO

Auto-incorruptibilidade. Sabe-se que a auto-incorruptibilidade é uma condição desejável, porém é comum optar-se por posturas autocorruptas por uma série de fatores. Este artigo aborda esses fatores, assim como elementos que sustentam a auto-incorruptibilidade, com foco nos seguintes aspectos:

I. Os pilares da autocorrupção.

II. Os pilares da auto-incorruptibilidade no contexto dos inversores existenciais.

DEFINIÇÕES

1. Incorruptibilidade

Mentalsomática. “A incorruptibilidade pura é a antípoda exata do *subcérebro abdominal* e pode ser tão insofismável e matemática quanto $2 + 2$ são 4 (na Aritmética)” (VIEIRA, 1994, p. 649). É atribuída ao mentalsoma, ao megadiscernimento e à visão de conjunto.

Verbação. A verbação, elemento essencial à incorruptibilidade, é a harmonia entre o que se *fala* e o que se *faz*.

Incorruptibilidade. A incorruptibilidade exige coerência pensênica, ligamentos sinápticos íntegros e visão de conjunto (atributo do mentalsoma).

Preço. Ser incorruptível tem o preço do esforço, do discernimento, da hiperacuidade, da integridade, da sustentabilidade e da responsabilidade. A postura íntima incorruptível é a do auto-imperdoador.

2. Cosmoética

Especialidade. “A Cosmoética é a especialidade da Conscienciologia que estuda a ética ou reflexão sobre a moral cósmica, multidimensional, que define a holomaturidade consciencial, situada além da moral social, intrafísica, ou que se apresenta sob qualquer rótulo humano, ao modo de um discernimento máximo, moral e emocional, a partir da intimidade do microuniverso de cada consciência” (VIEIRA, 1999, p. 39).

Discernimento. Esse conceito é íntimo e desenvolve-se de acordo com a evolução da consciência. A Cosmoética é uma *verpon*. O que era cosmoético ontem pode não ser hoje. O diferencial é o nível de discernimento e experiência da consciência.

Unanimidade. Unanimidade também não torna um comportamento correto. O ato de todos fazerem determinada coisa não a torna menos errada. Isso é ilusão de adultos-crianças que ainda querem fugir da responsabilidade de sua manifestação.

3. Coerência Cosmoética

Harmonia. A coerência consciencial é a harmonia e a sintonia entre idéias e atos. Idealmente, é *multiveicular* e *constante*. Isso não quer dizer que seja uma realidade hoje. Porém, há um equilíbrio sensível entre compreensão e complacência.

Fraternismo. A coerência cosmoética íntima é um ato de maxifraternismo e também de auto-afeto imenso. A consciência, quando coerente, demonstra auto e heteroconhecimento. Em suas energias, emana autenticidade, dignidade e integridade.

Assistência. A qualificação da assistência exige essa constância teática para sustentar o trabalho de desassédio. As conscins podem não ver suas incoerências, mas estas reverberam através do holopensene pessoal. *Você se banca perante essa realidade?*

4. Autocorrupção

Corrupção. O termo corrupção vem do Latim *corruptio*, “ato ou efeito de corromper; podridão, decomposição, putrefação; devassidão; adulteração; suborno, prevaricação”.

Efeito. O efeito da autocorrupção é intraconsciencialmente corrosivo.

Autocorrupção. Alguns sinônimos de autocorrupção são: *gol contra* evolutivo, autodesrespeito, *vender-se barato*, autovitimização, auto-escravidão, auto-engano, absurdo anticosmoético, auto-anulação, suicídio lento, incoerência existencial, desistência de si. “*Inexiste autocorrupção evolutiva*” (VIEIRA, 2003, p. 548).

Escala. A autocorrupção pode ser um comportamento totalmente consciente, ou seja, fazer o que é errado mesmo sabendo que é errado, ou mascarada, através de falácias lógicas que, dentro de um teatro mental, fazem perfeito sentido.

Conscientização. Mecanismos de defesa do ego e autocorrupções são quase sinônimos. No tratado *Homo sapiens reurbanisatus* os seguintes sinônimos são oferecidos para mecanismos de defesa do ego: escudo antievolutivo, mecanismo de sobrevivência irracional, apologia aos tráfegos, autocorrupção, vício comportamental (VIEIRA, 2003, p. 323). Tecnicamente, mecanismos de defesa do ego são autocorrupções, mas o que difere os dois em termos práticos é o grau de conscientização. Mecanismos de defesa do ego tendem a ser inconscientes, e autocorrupções mais conscientes.

Vitimização. A consciência autocorrupta anula-se pouco a pouco, vitimizada por si, escrava de si, só sendo possível ser libertada por si mesma. A força de vontade, nesse caso, é anulada, submissa a uma outra força, a força dos auto-enganos.

Multidimensionalidade. A multidimensionalidade elimina definitivamente qualquer conceito de que os atos conscienciais sejam isolados. A pensividade pessoal reverbera em todo o universo; “só de existir, nós agimos”. Essa auto-anulação, portanto, não é harmônica com a *paralógica*.

I. PILARES DA AUTOCORRUPÇÃO

Pilares. Apresenta-se, a seguir, os 3 pilares da autocorrupção:

1. Mediocrização.
2. Dispersão.
3. Baixa auto-estima.

Inter-relação. Deve-se observar que cada pilar se inter-relaciona com os demais.

1. Mediocrização

Definição. A mediocrização é a opção pelo que é compartilhado pela maioria, quando essa opção é inferior ao real potencial da consciência. Num quadro mais amplo, a mediocrização é a opção pelo vulgar, o ordinário, o ultrapassado, o que exige menos esforço e crescimento. É a minoria quem opta por não ser medíocre.

Retrocognição. Esta autora teve uma retrocognição do seu período intermissivo que foi muito esclarecedora em relação a essa escolha. Como se fosse uma consciex, pensou com muita força: “se tivesse esse corpo, com toda essa energia, faria de tudo pelos outros, nada iria me deter”. Ao perceber que não agia assim, *caiu a ficha* do quanto estava sendo incoerente.

Nívelamento. Por medo de se expor, medo de assumir responsabilidades, assumir seus megatalentos ou por pura falta de autoconhecimento, as pessoas mais indicadas para melhorar a condição planetária nivelam-se por baixo. Com isso, buscam permanecer na área cinza e obscura da média, ou apenas só um pouco melhor, mas nunca alcançando seu real potencial. Às vezes, ser o “melhor dos melhores” *ainda não é ser coerente com o próprio potencial*.

Ganho secundário. É um ganho secundário para esses indivíduos que não se conhecem manterem a maioria da população acumpliciada ao seu comportamento medíocre. Quem é medíocre não o quer ser sozinho, porque perde as justificativas para se manter naquele estado, fugindo do autoconhecimento sincero.

Diluição. Quando todos estão iguais, existe a ilusão de que a *responsabilidade se dilui entre essas consciências*; ninguém se destaca, ninguém é exposto, não há força para as crises evolutivas. A passividade mental gerada por esse comportamento prejudica o omniquestionamento que é necessário para desenvolver o discernimento. Isso vale não só para o *povão*, mas para todas as consciências, inclusive as da comunidade conscienciológica.

Interprisão. Esse comportamento gera uma tendência de nivelamento patológico no qual a consciência, procurando acumplicamento, aceitação, uniformidade, ou apenas sofrendo influências de um holopensene doentio, compromete-se consigo mesma e com os outros, gerando interprisão grupocármica. O costume da autocorrupção faz as pessoas perderem a vergonha dos próprios atos. É interessante ter como referência não as tendências ou expectativas do *povão*, mas as referências cosmoéticas íntimas, ou as de consciências mais lúcidas, os amparadores, por exemplo.

Holopensene. A força do holopensene ajuda a consciência a acreditar em suas racionalizações. Um exemplo disso é o caso do suborno de um policial. Quando alguém é multado, essa pessoa pode pensar o seguinte:

A. “A multa é muito cara, e esse dinheiro vai para o bolso de um político corrupto. O governo está roubando do povo, então posso roubar do governo”.

B. “O policial é muito mal pago, e o dinheiro vai servir melhor a ele do que ao Estado, e ainda por cima vou pagar um valor menor”.

C. “Não vou ser o *banana* que paga mais quando todo mundo está *se safando* e pagando menos”.

D. “Mesmo que eu aja corretamente, alguém vai subornar esse policial e os meus esforços não vão ter valido nada”.

Assédio. *Todo assédio é primeiro um auto-assédio; toda corrupção é primeiro uma autocorrupção.*

Falácias lógicas. Essa pessoa ainda pode pensar que fez algo muito louvável em solidariedade ao policial, também vítima de um sistema corrupto, mas a trilha de raciocínio, ou a ausência deste, demonstra falácias lógicas e absurdos cosmoéticos.

Dissociação. As consciências são profundamente interligadas. Quando alguém age de modo complacente com uma corrupção, está alimentando um holopensene de corrupção, só agravando a condição. Um holopensene não existe independentemente dos indivíduos. Todos são contribuintes atívisimos. A pessoa que suborna o policial é tão responsável pela condição do país quanto o político. Observando-se o político, o policial e o cidadão, percebe-se que estão usando a mesma justificativa para suas ações. Nenhum deles quer ser o *banana*, e usam a unanimidade desse absurdo para mascarar suas ações. O que acontece é uma espécie de contágio anticosmoético, pânico de origem subcerebral, comum ao comportamento das massas. As consciências criam as condições e, depois, justificam-se por elas. O holopensene *engole* aqueles que não estão bem posicionados.

Responsabilidade. A responsabilidade aqui é transferida para condições externas. Enquanto o problema estiver no mundo externo, independente da condição intraconsciencial, não vai ser resolvido, porque nessa postura a consciência vitimiza-se. Quando a responsabilidade é assumida internamente, o problema é solucionável, não é mais possível culpar o ambiente, o passado, pessoas e outros elementos.

Contrafluxo. Ao negar-se a participar dessa cadeia de acontecimentos corruptos, corta-se o *rapport* com esse holopensene e contribui-se para um novo holopensene, mais saudável. Isso ajuda a reciclá-lo, tornando-o mais cosmoético, autêntico, evolutivo e assistencial. Quando o policial não encontrar as recompensas esperadas, vai fazer mais pressão para ganhar um salário mais digno; estando essa necessidade básica garantida, tecnicamente não haverá motivo para o comportamento imoral que se presencia hoje. Isso gera outra reação em cadeia: a de pressionar o governo, que vai pressionar os políticos a prestarem contas do dinheiro do Estado, e o sistema vai se corrigindo de baixo para cima.

Exemplarismo. É importante dissecar essas formas de pensar para retificá-las. Quando a consciência pensa que seu esforço é inválido, ela se anula completamente. Essa postura despota potencializa o indivíduo, porém são os indivíduos que moldam a realidade. Quando se pensa: “*O que eu fizer não vai fazer diferença nenhuma. Se eu parar de agir errado, outra pessoa age errado no meu lugar*”, alimenta-se esse *teatro mental*, pura ilusão gerada por argumentos autocorruptos. Uma síntese dessa idéia sobre a Cosmoética é uma frase de Mahatma Ghandi: “*Seja a mudança que quer ver no mundo*”. Às vezes, a melhor assistência é o exemplarismo. *Verba movent, exempla trahunt* (as palavras movem, os exemplos arrastam).

Desgaste. O que contribuiu para dificultar o desenvolvimento da incorruptibilidade da autora foi conviver com auto e heterocorrupções, o tempo todo, na escola, na comunidade e no Estado.

Cultura. A criação de uma cultura de incorruptibilidade é tão importante quanto a incorruptibilidade íntima.

Contribuição. *Corrupção gera corrupção, incorrupção gera incorrupção. Você contribui para uma cultura de incorruptibilidade ou de corruptibilidade?*

Quadro. O quadro abaixo contém algumas das justificativas básicas e comuns para as auto-corrupções observadas:

Justificativas Autocorruptas
1. “Todo mundo faz”.
2. “Se eu não agir, outro faz no meu lugar”.
3. “É só desta vez”.
4. “É muito bom comparado com x, y, z”.
5. “Tanto faz o que eu fizer, não fará nenhuma diferença”.
6. “Eu sei que é errado, mas faço do mesmo jeito”.
7. “Se não puder derrotá-los, junte-se a eles”.
8. “Não odeie os jogadores, odeie o jogo”.

Irreflexão. A irreflexão demonstra a indiferença que se tem para com as demais consciências.

Detecção. Se, em dada situação, a conscin sentir-se incoerente consigo mesma, deve procurar concentrar-se e identificar qual é a falácia lógica mascarando o comportamento. Assim que tiver essas *desculpas* mapeadas, explícitas, deve ainda tentar encontrar a lógica atrás delas. O confronto pelo uso da racionalidade ajuda a criar neossinapses. A intenção é desmascarar os auto-enganos, *puxar a cortina vermelha dos teatros mentais*, buscar a transparência e autenticidade. Tudo isso requer despojamento e coragem. Ge-

ralmente, as pessoas, em seu íntimo, sabem quando estão sendo autocorruptas. Até admitir isso exige reflexão sobre a Cosmoética.

2. Dispersão

Definição. A dispersão é a falta de foco, organização e direcionamento de esforços conscienciais. É comum em jovens polivalentes, ou seja, com múltiplos talentos e inteligências. Quando há excesso de trafores sem direcionamento, a dispersão agrava-se.

Excesso. Mesmo o excesso de ferramentas pró-evolutivas não garante o compléxis, a euforia e o sentimento de estar “no caminho certo”. Esse foi o caso desta autora.

Propagação. A dispersão não é um sinônimo de autocorrupção, mas pode contribuir para a propagação de posturas autocorruptas e vice-versa. Por exemplo: quando a autocorrupção contribui para o desperdício dos talentos. É um perfil comum em jovens candidatos à inversão, mesmo que a autocorrupção seja universal, independente de idade ou técnica evolutiva.

Talentos. Em razão de seu taquipsiquismo e parapsiquismo, as conscins com curso intermissivo avançado têm certa facilidade em realizar tarefas e ter percepções aguçadas, às vezes difíceis de serem alcançadas por seus colegas. A nova conscin depara com uma realidade em que “tudo” é muito fácil.

Banalização. Ocorre a banalização desses talentos, que deixam de ter importância pela extrema facilidade em utilizá-los. Enquanto isso, não encontrando outros meios para aprimorar esses talentos, para desafiá-los, a conscin fica até desmotivada. Isso gera indiferença, melancolia e pode levar a conscin a desempenhar mal suas atividades, pelo fato de não ver sentido nos próprios esforços.

Procrastinação. No caso desta autora, a procrastinação foi o mecanismo que mais prejudicou o caminho evolutivo, propagou as autocorrupções e contribuiu para o agravamento da dispersão. Isso manifestou-se inicialmente na escola, mas as sinapses adquiridas com esses maus hábitos expandiram-se para muitos aspectos da vida. Até certas coisas eram adiadas. Com tal postura, como pode a inversão ser possível? A facilidade em executar certas tarefas pode parecer uma boa justificativa para adiar a execução da tarefa até o último momento. Quando existe essa banalização dos trafores, o estresse e a ansiedade substituem a motivação para o trabalho. Mesmo que no final o resultado seja satisfatório, isso pode gerar:

- A. Justificativas para a autodesorganização.
- B. Desperdício de energia com o estresse.
- C. Desperdício de energia com a preocupação constante da tarefa sendo adiada.
- D. Desistência de encontrar uma motivação maior para o trabalho.
- E. Subnívelamento.
- F. Autoculpa e vitimização.
- G. Indiferença intoxicante.

Auto-enganos. O processo de auto-engano representa um desgaste de todos os veículos da consciência. A inversão procura eliminar essas questões; evitar não só as formas mais grosseiras, mas as posturas mais sutis referentes a nuances da manifestação. A postura inversiva otimiza a evolução ao máximo, não só nos momentos decisivos, mas no dia-a-dia da proéxis também.

Produtividade. Ter resultados positivos de coisas e gestações conscienciais traz autocura e auto-estima sadia. É útil manter o foco nas realizações concretas, para obter provas e resultados visíveis do

esforço aplicado. Isso possibilita que não exista motivo para dúvidas, fugas e distorções das capacidades. As racionalizações não sobrevivem em confronto com os fatos.

Indiferença. A dispersão, a banalização e a indiferença fazem com que a consciência perca a vergonha das autocorrupções. Sem foco, as desculpas para as posturas autocorruptas não são investigadas, e essas desculpas retroalimentam a dispersão por banalizar princípios cosmoéticos. É o vislumbre da cosmoética que quebra a indiferença.

3. Baixa Auto-estima

Definição. A baixa auto-estima é um estado de desvalorização pessoal gerado por uma auto-imagem distorcida. Ela tanto pode extrapolar para a pseudo-auto-estima, por exemplo a arrogância, a megalomania, a santificação, quanto para a baixa auto-estima visível, por exemplo a vitimização, a insegurança e a auto-anulação.

Origem. A baixa auto-estima certamente contribui para a autocorrupção, e a autocorrupção contribui para a baixa auto-estima. Um agrava o outro, porém não está claro ainda qual é a origem desse ciclo vicioso. A pessoa com baixa auto-estima sente-se despotencializada. Sensação similar tem o indivíduo autocorrupto.

Premissas. Uma das mais importantes confirmações encontradas pela autora em seus estudos foi a das premissas por trás dos comportamentos das consciências. Quem tem baixa auto-estima tem uma série de premissas sobre si mesmo, conscientes ou não. Por exemplo:

A. “Não mereço ser amado ou feliz (e tenho medo que os outros invejem minha felicidade)”. Dependendo do meio, a conscin pode sentir-se quase culpada por estar mais feliz.

B. “Não sou amável”.

C. “Não me sinto de fato especial ou com algum valor”.

Confirmação. O autor Nathaniel Branden (2000) explora em suas pesquisas sobre auto-estima o fato de que a pessoa, ao agir de acordo com tais premissas, só confirma e agrava essas distorções. A baixa auto-estima impede uma incorruptibilidade maior, e tal postura seria ofensiva a essa auto-imagem distorcida. As autocorrupções ficam mais grosseiras e complexas para estagnar a reciclagem das premissas. Ao minimizar seus talentos, seu potencial, a consciência *vende-se barato*, e não existe auto-estima que resista a tal autodesrespeito.

Cúmplices. Outro mecanismo relacionado à autocorrupção e à baixa auto-estima é o acumpliciamento consciente. Ao encontrar pessoas que admitam não tentar dominar o estado vibracional, investir na projeção lúcida, esforçar-se para produzir uma gestação consciencial, fazer uma recin profunda ou assumir a liderança dessa recin, é possível sentir-se mais “à vontade” para permanecer na zona de conforto, como se a responsabilidade se diluísse nesse *mar de preguicite* consciencial. Existem manipulações sutis para o indivíduo fazer outras pessoas concordarem com as suas autocorrupções. Em contraponto, no caso desta autora, quando via os colegas indo em frente, sentia como se recebesse um *soco energético* no umbilicohacra (subcérebro), sintoma da própria autocorrupção.

Comparatividade. A comparatividade excessiva contribui para o processo de acumpliciamento consciente. Se a pessoa não tem confiança em sua bússola interna e procura fugir das responsabilidades, o fato de comparar-se em excesso pode ser fonte de ainda mais autocorrupções. Se o nível de coerência que

a pessoa tem depende da avaliação que faz do ambiente, não vai haver sustentabilidade para a auto-incorruptibilidade. Por exemplo: pensar que, pelo fato de alguém ter levado dois anos para iniciar o processo docente, aquele que só está esperando há um ano e meio ainda está dentro do prazo, mesmo que intimamente sinta já ter passado da hora, revela falta de auto-estima.

Subcerebralidade. Quem procura cúmplices não quer experimentar a invulgaridade pessoal. Apoiar-se de forma patológica em um “*bando*” é resquício subcerebral de comportamentos animais.

Auto-imagem. Um mecanismo de defesa do ego gerado pela baixa auto-estima é a necessidade de utilizar a auto-imagem como escudo. Quando a auto-imagem é incoerente com a realidade da consciência, fica ainda mais difícil fazer a recin. Isso é devido ao fato de que muita energia está sendo investida nessa tarefa. Como fazer reciclagens mais profundas quando se acredita na própria atuação (a auto-imagem incoerente) e não se trabalha com realidade? *Autocorrupção quanto à auto-imagem é o denunciador da falta de teática.* Por exemplo:

A. Mulher que fala para todos que está de dieta, compra livros e máquinas de exercício, mas nunca os usa, e come bombom escondida.

B. Aquele que, quando pode, assume o crédito pelo trabalho do outro.

C. Aquele que, sabendo que é capaz de fazer sozinho, faz-se de vítima para receber atenção e ajuda.

D. Homem que faz o seu trabalho parecer mais difícil e importante do que realmente é.

E. Trabalhador que só faz bem feito quando o chefe está olhando.

F. Professor do *Curso Integrado de Projeciologia* (CIP) que não tenta se projetar.

Testemunha. Quando um comportamento precisa ser bom só para causar boa impressão nos outros, é como se a consciência falasse para si: “o que estou vendo não importa”. A pessoa com baixa auto-estima não se leva a sério e, conseqüentemente, vive com pouca acuidade. Qual a causa para esse tipo de comportamento? A baixa auto-estima pode fazer a pessoa buscar uma compensação pelo autoconceito depreciativo. Contudo, admiração não sacia a baixa auto-estima¹. Quando a consciência valoriza o autotestemunho, alcança a condição da assistência anônima, pois consegue fazer o que é cosmoético mesmo quando ninguém está olhando e nem vai saber. Ela sabe, e isso basta.

Seminário. Um exemplo disso aconteceu em um *Seminário de Pesquisas no Campus IIPC-Saquarema*, no qual esta autora apresentou algumas idéias deste artigo. Após ter convidado sua mãe para assistir sua apresentação, teve a percepção de receber um *soco energético* no umbilicochacra. Sentiu-se imediatamente preocupada com a auto-imagem, porque a mãe já a tinha visto no seu pior estado dentro de casa, e iria parecer muito incoerente com as idéias que iria apresentar. Tal preocupação mostrou a falta de constância da autoconsciência de quem estava tentando ser uma consciencióloga *part-time*, fazendo *vista grossa* nos momentos em que a lucidez era reduzida em ambientes familiares, quando ninguém estava olhando.

Despojamento. Quando a consciência valoriza o que pensa sobre si mesma, consegue alcançar a autenticidade pela harmonia interna com sua realidade. Existe o despojamento de ser visto como alguém que realmente não leu muitos livros, ou não pratica os EVs que recomenda aos outros praticarem, ou não sabe tudo sobre determinado assunto. Dizer “eu não sei” não é uma derrota. Isso não quer dizer que complacência seja uma solução, mas construir algo com trabalho sincero em cima de verdades é. Quando se chega a esse ponto, é possível melhorar e correr atrás do espaço que existe entre teoria e prática. A consciência gosta-se mais, respeita-se mais, aceita-se mais. Trabalhar com mentiras é ineficiente; com

verdades, tudo é possível. Estando tudo *às claras*, inicia-se a conquista de condições melhores, o que gera satisfação evolutiva. É melhor investir nessa postura do que manter uma auto-imagem falsa. *O que você acha?*

Técnica das afirmações autênticas. A *técnica das afirmações autênticas* é o ato de confessar para si suas reais motivações e sentimentos, sem argumentações ou auto-enganos. Isso clareia as energias. Esta autora, por exemplo, durante muito tempo sentia-se mal com o seu corpo e queria ficar com uma aparência física que considerava necessária para sentir-se bem consigo mesma. Precisava fazer dieta e exercícios, mas, mesmo que todo os dias se lembrasse disso, não mudava nada em seu comportamento. No fim do dia, culpava-se imensamente das coisas que comia, dos exercícios que não fazia e, olhando-se no espelho, sentia-se totalmente corroída pela falta de força de vontade. Porém, quando chegou a fazer afirmações autênticas sobre o assunto, descobriu o seguinte:

A. “Quero ter a admiração/atenção dos outros por ter uma forma física ‘perfeita’”.

B. “Mesmo querendo, não estou disposta, efetivamente, a fazer esforço para conseguir tal coisa”.

C. “Quero fazer dieta e mudar minha forma física, porém, sem mudar nada no meu estilo de vida (realidade que me pareceu ridícula e incoerente, mas verdadeira).

D. “No fundo não é o corpo, e sim a baixa auto-estima que precisa ser ‘malhada’ e os autopensenes destrutivos que precisam ser ‘cortados’”.

Alívio. Depois de tais esclarecimentos, sentiu um alívio enorme e parou com o processo de autculpa e autoflagelação em consequência da alimentação. Isso melhorou a auto-estima e, hoje em dia, alimenta-se melhor por respeito ao soma, não para ter um ganho secundário.

Contrapensenes. Quando é necessário ser diferente do que se é para ser aceito ou preterido, pode-se desconfiar de que se está no ambiente errado. Quando *se pegar* produzindo uma falsa imagem para ser admirada (processo de sedução), o fato de gerar um *contrapensene* para essa situação cria neopensenes e neossinapses. Um contrapensene desarmante desse mecanismo de defesa do ego é: *ninguém vai gostar de você, por você*. Essa afirmação serviu como mantra enquanto esta autora superava as dificuldades com a auto-estima.

II. PILARES DA AUTO-INCORRUPTIBILIDADE

Motivos. Eis 20 motivos válidos para a consciência tentar ser incorruptível:

01. Estabelecer aliança mais íntima com os amparadores.
02. Conquistar a simpatia e confiança dos amparadores.
03. Manter a aura límpida e transparente, imanando dignidade cosmoética.
04. Evoluir na velocidade máxima possível.
05. Libertar-se das manifestações do subcérebro.
06. Manifestar-se com hiperacuidade, consequência do emprego inteligente do mentalsoma e da aplicação da Cosmoética.
07. Promover o desenvolvimento parapsíquico-assistencial.
08. Construir a auto-estima sadia.
09. Exercer a liderança exemplarista.
10. Obter maiores acertos evolutivos.
11. Aumentar a produtividade.
12. Realizar a reconciliação egocármica.

13. Alcançar satisfação íntima, harmonia, serenidade.
14. Atingir o compléxis.
15. Evoluir por atacado; não *aos trancos e barrancos*.
16. Utilizar a força de vontade como megaferramenta, sem encontrar os obstáculos de mecanismos de defesa do ego/autocorrupções.
17. Atuar com autenticidade, sentir-se liberto na própria pele, *being your real self*.
18. Viver mais afinizado com o fluxo dos cosmos, o fluxo intraconsciencial e a “orientação” do seu ponteiro íntimo.
19. Perder o temor à exposição.
20. Conseguir maior recuperação de cons.

Pilares. Apresenta-se, a seguir, os pilares da auto-incorruptibilidade:

1. Autoconhecimento.
2. Coerência cosmoética.
3. Emprego sadio do mentalsoma.

1. Autoconhecimento

Evolução. Autoconhecimento é evolução. Tratá-lo de uma forma tão ampla, portanto, extrapola o foco do artigo. Apresenta-se, a seguir, de que modo o autoconhecimento contribui para a auto-incorruptibilidade.

Relevância. A relevância do autoconhecimento nesse quadro é o fato de poder identificar a real intencionalidade pessoal, quando se está mentindo ou tentando se enganar. Esta autora já ouviu muitas vezes o “quanto é impressionante a capacidade de se enganar e acreditar nas próprias desculpas” e concorda plenamente com essa afirmação. No seu caso, havia várias manipulações sutis que utilizava para fazer dos outros cúmplices de suas justificativas, aproveitando a predisposição à concordância que essas pessoas tinham. Se a pessoa acredita em mentiras sobre si mesma, então não investigou essas realidades a ponto de não conseguir mais se enganar sobre elas; não se saturou com a verdade.

Sintomas. Os momentos de autocorrupção mais grosseira eram acompanhados pela sensação de nebulosidade em sua aura e sentimento de ansiedade constante. Não saber distinguir entre as desculpas inventadas e as reais vontades gera uma ansiedade tremenda. Isso é falta de autoconhecimento. Quando a nebulosidade chegava ao extremo, sempre era válida a seguinte pergunta: “O que um amparador faria? Utilizar amparadores como referência pode ajudar a redirecionar as próprias posturas.

Hipervigilância. Um modo de clarear a nebulosidade interna é treinar a hipervigilância. Com atenção mental, procurar registrar o momento em que se faz uma justificativa e fazer checagem holossomática:

A. “Como estava meu soma quando disse/pensenizei isso? Senti um *frio na barriga*? Um aperto de ansiedade em meu tórax? Contraí-me como se estivesse me defendendo?”

B. “Como estava meu holochakra quando criei essa justificativa? Senti uma nebulosidade? Senti a presença das energias do amparador ou de um guia cego/assediador? Meu umbilicochakra reagiu aos fatos ou tive o equilíbrio para encontrar uma solução com discernimento?”

C. “Como estava meu estado psicossomático? Senti-me ameaçada com o fato? Senti-me serena e confiante? Depois de ter agido, senti ansiedade?”

D. “Como estava meu estado mentalsomático? Minha postura mental foi a de fazer *vista grossa* para o fato ou tive hiperacuidade? Qual foi a *intencionalidade* por trás da minha decisão: resolução ou fuga? Essa decisão é lógica considerando meu conhecimento da Cosmoética?”

Questionamento. Quanto mais omniququestionamento, melhor. Nossa realidade é relativa e, por isso, estar aberto para questionar as próprias desculpas ou racionalizações é sempre útil. Pode ser um acontecimento alegre quando se descobre que as coisas não são como se pensava.

Prioridades. Importa questionar as próprias prioridades. Avaliar como se usa o tempo e a energia: verificar se conferem com o que se demonstra serem suas prioridades. Algumas pessoas podem ficar surpresas ao descobrir que assistir novela e ir ao *shopping* são suas prioridades. Os fatos não devem ser ignorados.

Invulgaridade. Quem se conhece sabe aceitar e abraçar o fato de que se é único, e a tentativa de se esconder na obscuridade das massas é uma ofensa à própria natureza, uma minimização do que se é. As lavagens cerebrais da Socin ficam evidentes, porque não conferem com os verdadeiros desejos e pensamentos da pessoa – são meras construções assimiladas do ambiente. A consciência que se liberta disso ganha força em sua individualidade.

Autenticidade. Ser autêntico consigo mesmo é o pré-requisito para ser autêntico com os outros. Quem é autêntico não é afetado em sua manifestação. O que ele é, é o que transparece. Por exemplo, se alguém vai falar em público e formam-se camadas energéticas em cima da manifestação da pessoa: preocupação com a auto-imagem, medo de rejeição, preocupação com a qualidade do que se está falando e com a própria competência. Tudo isso afeta o comportamento da pessoa, fazendo-a reprimir sua espontaneidade, naturalidade e os aspectos que a fazem ser distinta, diferente. Essas camadas ocupam espaço mental e energia, dificultando a recuperação de cons. Em consequência, acaba inibindo a possibilidade de manter a hipervigilância por falta de lucidez e preocupação com coisas fúteis. “*Devemos viver destemidos contra nossos equívocos milenares*” (VIEIRA, 1994, p. 459).

Treino. Deve-se cultivar a autenticidade com auto-aceitação e assertividade. Hipervigilância requer disciplina. Disciplina é força de vontade e auto-organização. É um treino, um investimento que valerá todo esforço. Manter autocorruptões é um empreendimento que só dá prejuízo. “*A autenticidade permite a vivência da incorruptibilidade cosmoética*” (VIEIRA, 1994, p. 256).

2. Coerência Cosmoética

Vergonha na cara. Um agente que desperta a consciência para cuidar de suas incoerências é a *vergonha na cara*. Esse agente é realmente terapêutico por ter um elemento de bom humor e causar um embaraço positivo no confronto com os aspectos incoerentes que simplesmente *não fazem sentido*. Ter *vergonha por dentro* não adianta, porque o autocorrupto, no fundo, sabe o que está fazendo. Tem que trazer isso a *céu aberto*, expor, *vestir a vergonha por fora*.

Preguicite. A Cosmoética acaba com a preguiça, a obediência à lei do menor esforço e a acomodação na zona de conforto, porque serve para ver algo maior, além do *próprio umbigo*. Hoje é possível ser capaz de entender que evoluir *empurrando com a barriga* não serve mais, pois agora se está superinformado. Pelo contrário, a postura inversiva mais apropriada é a de *atletismo consciencial*.

Melindres. Para os melindres em assumir um trabalho e toda a ansiedade e o medo que podem acompanhar o estresse evolutivo, é válido usar a *técnica da chapa quente: Just do it!* Se a pessoa passou

muito tempo despotencializando/corroendo sua força de vontade com autocorrupções, não deve mais perder tempo com melindres, mas apenas fazer o que sabe ser cosmoético. No final das contas, o que vai levar à auto-incorruptibilidade é a força de vontade pessoal.

Moral. Quem é coerente com a Cosmoética em tudo o que faz, não apresenta dissonâncias entre seus pensamentos, palavras e ações. Essa pessoa age segundo a Moral extrafísica e não sofrerá com acusações assediadoras na hora de fazer um esclarecimento. Consegue trazer a pessoa a quem está assistindo a um estado mais esclarecido porque vivencia tal estado dentro de si. Isso é uma característica de liderança.

Sinapses. Criar sinapses para coerência pode começar com o ajuste de comportamentos sutis, nuances, coisas que se finge não ver. “*Quanto ao seu nível de coerência, vale a pergunta: o quanto você se leva a sério?*”

Holossoma. Outro elemento a considerar é a coerência com todos os veículos de manifestação, *ou seja, dentro dos limites de seus melhores conhecimentos, você lida com o seu holossoma de uma forma saudável? Os conceitos e critérios que você aplica a um veículo servem para todos?*

Exemplo. Um exemplo disso é a consciência que insiste na higiene e organização intrafísica, mas permanece em profunda desorganização energética e mental.

Harmonia. Com harmonia consciencial, tendo a autenticidade como sua expressão predominante, as pequenas autocorrupções ficam mais evidentes. A hipervigilância não acaba: desenvolve-se e utiliza-se. *Quanto mais se limpa o rio, mais incomoda o pequeno lixo contaminando a fonte.*

3. Emprego Sadio do Mentalsoma

Análise. Já que a autocorrupção é fruto do subcérebro e a Cosmoética é atribuída ao mentalsoma, é válida a análise de algumas divergências entre esses dois elementos. Eis, na tabela abaixo, 16 elementos de comparação entre subcérebro e o mentalsoma:

Subcérebro	Mentalsoma
01. Instinto	Discernimento
02. Origem do egoísmo	Origem do altruísmo
03. Porão consciencial	Curso intermissivo
04. Escravidão através dos medos	Liberdade através da maxifraternidade
05. Visão egocêntrica	Visão de conjunto
06. Autodesconhecimento	Autoconhecimento
07. Vícios	Auto-suficiência
08. Co-dependência	Interdependência
09. Ritualismos	Planejamento
10. Entropia	Ordem
11. Nivelamento <i>por baixo</i>	Referências positivas
12. Emoções	Sentimentos
13. Autocorrupção	Auto-incorruptibilidade
14. Patopenalidade	Ortopensividade
15. Neofobia	Neofilia
16. Desconexão	Cosmoética

Questionamento. *Em qual coluna predominam suas características?*

Visão de conjunto. Com visão de conjunto, é possível ver os absurdos anticosmoéticos das desculpas autocorruptas. Se houver a justificativa “o que eu faço não tem importância, não vai mudar o mundo” ou “não consigo evoluir direito devido aos fatores x, y e z”, é o momento de se perguntar: “E se todo mundo pensasse assim? Se todo mundo tivesse preguiça e medo de assumir a responsabilidade de seu conhecimento, como seria o mundo?” O problema que se está criando torna essa questão mais visível.

Fugas. Uma das maiores autocorrupções é a filosofia de que se um dia todos serão perfeitos, e o tempo não existe, então tudo está perfeito agora. Isso pode ser possível em uma dimensão mentalsomática, porém não é prático. Existem pessoas que utilizam essa idéia para justificar a preguiça ou para permanecer alienadas num mundo de contemplação. Outra idéia mencionada é: “tudo o que acontece, acontece porque o Universo quis assim”. Isso é apenas uma fuga da responsabilidade muito sofisticada. Se tudo que a consciência faz reverbera no Cosmos, então não existe ação isolada e os atos são de grande importância. As coisas acontecem porque as consciências fazem com que elas aconteçam. Existe lógica nessa idéia?

Mentalidade. Jogar lixo na rua e pensar “é só um papelzinho” representa a mentalidade que faz da rua uma lixeira. Esclarecer alguém que jogar lixo na rua não é positivo pode provocar uma situação de atrito, mas faz parte da mudança. Até aquele momento, a pessoa pode ter jogado lixo na rua sem nenhum impedimento. O esclarecimento possivelmente vai causar irritação mas, em uma próxima vez, é provável que não repita isso para evitar o embaraço da exposição ou porque realmente adquiriu maior nível de conscientização. Não há nada a perder.

Ghandi. Ghandi foi um líder com grande visão de conjunto, talvez não multidimensional, porém humanística. Tudo que esperava dos outros em termos de idéias, posturas e princípios, ele aplicava. Representava a não-violência, a tolerância religiosa e o respeito aos direitos humanos. Nos momentos em que os seus seguidores ofendiam esses princípios e os protestos ficavam violentos, entrava num processo de autodestruição (jejum, o menor de dois males), para mostrar que, ao machucar os outros e destruir esses ideais, essas pessoas estavam destruindo parte do próprio líder.

Sinapses. Isso fez com que as pessoas construíssem sinapses sobre suas ações. As agressões impulsivas feitas aos guardas que os atacavam foram associadas às agressões feitas aos ideais pelos quais estavam lutando. Ao ferir esses princípios, feriam o líder que amavam. O exemplarismo de Ghandi fez com que a massa *pensasse grande*. Ser incorruptível exige esse nível de coerência: ser um *cartão postal* do que se representa. Isso não quer dizer que se deva tornar um líder de paz, mas nas energias, na força presencial, extrafisicamente, essa condição acompanha as pessoas.

Considerações. Não se pode afirmar com certeza absoluta que Ghandi era uma personalidade auto-incorruptível, porque tal medida é íntima. Mas, até o ponto em que estudou, considerando suas ações, a autora entendeu que esse líder apresentava alto grau de incorruptibilidade.

Estudo. O estudo de personalidades com elevado grau de auto-incorruptibilidade contribui para a formação de referências positivas, magnas. O estudo da liderança que essas pessoas exercem através de sua incorruptibilidade traz dados enriquecedores para o desenvolvimento da autoliderança.

Companhias. Outra atividade válida para construir referências positivas é buscar companhias mais saudáveis. A primeira vez que esta autora esteve no CEAEC no *III Congresso Internacional de Inversão Existencial* (Cinvéxis), chocou-se com o nível de seriedade dos jovens que lá estavam, em comparação com os amigos do colégio. Internamente, dizia o literalmente o seguinte: “Como assim? Essas pessoas estão aproveitando o talento que têm? Aplicam seus trafores?” O exemplo deles apresentou maneiras de ser

completamente novas. A interação com o grupo de inversores, no início, foi muito difícil. Muito fechada, tentava esconder as autocorrupções o máximo possível. Quanto mais coerente se tornava, mais destemor tinha em se expor. Ao voltar para o Rio de Janeiro, mudou sua vida e mentalidade, relacionamentos e hábitos mentais.

Nivelamento. O que “todo mundo fazia” no colégio eram autocorrupções grosseiras em comparação aos jovens estudantes de Conscienciologia. Deve-se questionar as autocorrupções implícitas nos ambientes frequentados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Basta. Cada um tem o seu ponto de dizer “*basta*”: quando os auto-enganos são demasiadamente evidentes, não há como fugir do mal-estar gerado (não há como fugir de si mesmo) e a consciência quer mudar sua condição.

Fugas. Quanto mais inteligente a consciência, mais sofisticadas são suas fugas. É útil perceber que a *solução mágica*, a resposta que falta, não existe em nenhum local externo.

Reflexões. No momento em que se decide realmente encarar as autocorrupções e arcar com a responsabilidade, o esforço e o incômodo que toda aquela mudança vai gerar, opta-se por uma realidade muito melhor. Auto-incorruptibilidade é assumir a própria responsabilidade evolutiva.

Superação. Ninguém pode superar as autocorrupções pelo outro. Estas não serão superadas por si próprias e, certamente, não desaparecem com a simples passagem do tempo. Nada substituirá o esforço sincero em investigar, detectar e superar as autocorrupções.

Convite. Convida-se os leitores a experimentarem isso por si mesmos. *O que está faltando para cada um assumir as próprias responsabilidades evolutivas?*

NOTAS

1. Informação obtida no curso *Auto-estima Sadia*, ministrado pela pesquisadora Málu Balona .

REFERÊNCIAS

1. **Branden**, Nathaniel; *Auto-estima e seus Seis Pilares*; 398 p.; 2 apênds.; 6ª. Ed.; Saraiva; São Paulo, SP; 2000.
2. **Scheidt**, Letícia; *Coerência Pessoal na Invéxis*; *Anais do IV Congresso Internacional de Inversão Existencial – Cinvéxis*; 25 a 31 de julho de 2005; *Conscientia*; Revista Científica; Trimestral; Vol. 8; N. 3; jul./set. 2004; Centro de Altos Estudos da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; páginas 202 a 206.
3. **Vicenzi**, Luciano; *Coragem para Evoluir*; 187 p.; 8 caps.; 2 índices; 21 x 14cm; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 2001.
4. **Vieira**, Waldo; *700 Experimentos da Conscienciologia*; 1.058 p.; 700 caps.; 300 testes; 8 índices; 2 tabs.; 600 enus.; 5.116 refs.; glos. 280 termos; 147 abrevs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7 cm; enc.; Insituto Internacional de Projeciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1994; páginas 256, 459, 649.
5. **Vieira**, Waldo; *Homo sapiens reurbanisatus*; 1.584 p.; 479 caps.; 25 tabs.; 519 enus.; 7.653 refs.; glos. 241 termos; 139 abrevs.; alf.; geo.; ono.; 28,5 x 21,5 x 7,5 cm; enc.; Centro de Altos Estudos da Conscienciologia; Foz do Iguaçu, PR; 2003; páginas 323 e 548.
6. **Vieira**, Waldo; *Projeciologia: Panorama das Experiências Fora do Corpo Humano*; 1.248 p.; 5ª Ed.; Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia; Rio de Janeiro, RJ; 1997; página 39.
7. **Vogue**; Redação; *A Woman of the People*; Maio, 2006; páginas 268 a 271 e 302.

Filmografia:

1. **Gandhi.** **Direção:** Richard Attenborough. **Elenco:** Ben Kingsley; Candice Bergen; & Edward Fox. **Data:** 1982. **Duração:** 190 min.

2. **Negotiating Conflict: Leadership in Times of Crisis.** **Facilitadores:** Tony Robbins; & Cloé Madanes. **Coleção:** Inner Strength Series – Lessons in Mastery. **Duração:** 113 min. **Data:** 2003. **Companhia:** Robins Research International.

Infografia:

1. **Dicionário Priberam On-line;** Disponível em: <www.priberam.com.pt/dlpo/dlpo.aspx>. Acesso em: 26.05.06.

